

SOLETRAS

REVISTA DE ARTE & CULTURA

Editor: Dany Wambire * Beira * Ano XII * 2025 * 63ª edição * E-mail: revistasoletras@gmail.com

BIMESTRAL



O Estado deve atrair empresários para investirem em livrarias e gráficas

Defende Alberto da Barca

Beira acolhe 8ª edição do Festival do Livro Infanto-juvenil da Kulemba

Página 5

Autores finalistas consideram que Prémio Literário Mia Couto valoriza obras literárias

Página 18

Adelino Timóteo, um actor multifacetado

Página 27

Índice de Conteúdos



05. Beira acolhe 8ª edição do Festival do Livro Infanto-juvenil da Kulemba



07. FLIK 2025 transcende um evento sobre livros infanto-juvenis e projecta a geração do futuro



11. O Estado deve atrair empresários para investirem em livrarias e gráficas



15. Um poeta premiado que cresceu sem livros



17. “Narração nocturna”, novo romance de João Paulo Borges Coelho, chega às livrarias



18. Autores finalistas consideram que Prémio Literário Mia Couto valoriza obras literárias



21. Craveirinha, esse mandarim: uma possibilidade de leitura



25. Adelino Timóteo
A homenagem e outras coisas



27. Adelino Timóteo, um actor multifacetado



Apresentação

Esta é a edição 63 da revista *Soletras*, um número que traz como destaque principal as incidências da 8ª edição do Festival do Livro Infanto-juvenil da Kulemba (FLIK 2025), um evento que tem vindo consolidar-se, no país, como plataforma exclusiva na promoção da literatura infanto-juvenil, lançando alicerces para a projecção de cidadãos do futuro.

Angélica Fernando e Lúcia José são provavelmente a representação desses cidadãos do futuro. As duas alunas foram as grandes vencedoras dos concursos de declamação de poesia e de debate, organizados pelo FLIK 2025.

Acompanhe também, nesta edição, a história de Zacarias Nguenha, um poeta premiado que cresceu sem livros. O autor, natural de Sussundenga, em Manica, venceu, há dias, a 7ª edição Prémio Literário Fernando Leite Couto 2025, organizada pela fundação com o mesmo nome.

Ainda falando de prémios, confira, neste número, os depoimentos dos finalistas da 3ª edição do Prémio Literário Mia Couto, que distingue as melhores obras literárias publicadas anualmente em Moçambique, nas categorias de prosa e poesia. Os autores entrevistados afirmam que o Prémio valoriza obras literárias.

O que também valoriza as obras literárias e os autores são as homenagens, e a Universidade Pedagógica de Maputo fez uma a Adelino Timóteo, um actor multifacetado: escritor — poeta, romancista e ensaísta —, artista plástico, jornalista, com formação

para o exercício de docência de língua portuguesa e jurista. Enfim, um homem de muitos ofícios, que celebra, neste 2025, 30 anos de carreira.

Outra homenagem foi feita pelo ensaísta Francisco Noa ao *poeta-mor*, através da publicação de um livro, *José Craveirinha, esse mandarim*, no qual o crítico literário reúne as leituras que tem vindo a fazer da obra poética de José Craveirinha. Leia, nesta edição, o texto de apresentação do livro, assinado por Aurélio Cuna.

Publicamos, nesta revista, mais uma nota sobre *Narração nocturna*, o novo romance do escritor moçambicano João Paulo Borges Coelho. A obra, de 254 páginas, tem como protagonista José Fernandes Júnior, um “indígena”, que recebe de um administrador a encomenda de escrever um texto sobre a história de Chiúta. Entretanto, ao mesmo tempo em que a personagem escreve para o administrador, uma filha rebelde desafia-lhe a imortalizar determinadas memórias “não oficiais”, as quais são narradas na calada da noite.

Por fim, fique a saber que a Associação Kulemba vai realizar, entre os dias 03 e 05 de Setembro, a 5ª edição da Feira do Livro da Beira (FLIB 2025). O evento, cujo lema é “Ecos de meio século e as narrativas contemporâneas”, contará com a participação de diversos convidados, com destaque para Severino Ngoenha, Silva Dunduro, José Castiano, Isaú Meneses, Mia Couto, Romualdo Jonham, Suzana Espada, Filimone Meigos e Anísio Páscoa.[]

Dany Wambire,
Editor



Exposição de artes plásticas



Lançamento de livros



Conversas e concursos



Música e oficinas artísticas

Local: Local: Livraria Fundza e Casa do Artista

facebook

@camoesbeira



@fundzalivreiros



@AL.Kulemba

Organização





Beira acolhe 8ª edição do Festival do Livro Infanto-juvenil da Kulemba

Texto: *Redacção*

Para celebrar a literatura infanto-juvenil e homenagear um dos seus precursores em Moçambique, Alberto da Barca, a Associação Kulemba promoveu, no passado mês de Junho, na cidade da Beira, a 8ª edição do Festival do Livro Infanto-juvenil da Kulemba, FLIK 2025.

Subordinado ao tema “os continuadores da liberdade”, o FLIK 2025 teve uma programação voltada para a exaltação da independência e da liberdade, que incluía pintura de um mural, lançamento de livros, concursos literários, conversas, palestras, jogos e oficinas.

Realizado de forma presencial e *online*, o FLIK 2025 levou a sua programação para aproximadamente 30 instituições de ensino e de acolhimento de crianças das cidades da Beira e Dondo, para além de abranger mais de uma centena de alunos da Escola Salvatoriana Mwana Unerufaro, que se deslocou de Chimoio para acompanhar o evento.

No FLIK 2015, foi pintado um mural por alunos de diversas escolas da cidade da Beira, coadjuvados

pela equipa da Beira Street Art. Com a iniciativa, pretendeu-se consciencializar os mais pequenos sobre a necessidade da preservação dos ideais da liberdade.

Durante o festival, foram lançadas obras infanto-juvenis, designadamente “A estranha metamorfose de Thandi”, da autoria de Mauro Brito, “Poemas a sombra da infância”, de Nick do Rosário, “O Gulamo e a tartaruga Zena”, de Benjamim Luís, e o segundo volume de “A greve das palavras”, da autoria de Celso Celestino Cossa.

No FLIK 2025, ainda houve espaço para a realização de um curso de literatura infanto-juvenil, no qual os escritores Agnaldo Bata, Celso Celestino Cossa, Nick do Rosário, Mauro Brito e Alberto da Barca partilharam, com aspirantes a escritores, experiências sobre a produção de livros para crianças.

Outrossim, foi realizado um concurso de declamação de poesia e de debate, como objectivo de estimular o gosto pela leitura nos alunos de escolas da cidade da Beira,

O FLIK 2025 contou com a participação de au-

tores de Moçambique, Brasil, Holanda e Portugal, nomeadamente, Alberto da Barca, Celso Celestino Cossa, Mauro Brito, Nick do Rosário, Aginaldo Bata, Izequiel Muchanga, Stélio Filipe, Samuel Nhamata-

te, Suzy Bila, Benjamim Luís, Vânia Óscar, Hotélio Ernesto, Chef Gaf, Patrícia Vasco, Cristiane Maia, Lucia Tucuju, Ninfa Parreiras, Leónie Dieleman e Adélia Carvalho.[]

Angélica Fernando e Lúcia José vencem concursos de declamação de poesia e de debate



Angélica Fernando

As alunas Angélica Fernando e Lúcia José são as grandes vencedoras dos concursos literários organizados pela Associação Kulemba, no âmbito da 8ª edição do Festival do Livro Infanto-juvenil

Angélica Fernando, aluna da 9ª classe, na Escola Secundária do Estoril, foi a 1ª classificada do concurso de Declamação de Poesia, enquanto Lúcia José, que frequenta a 12ª classe, na Escola Secundária de Muchatazina, ficou em 1º lugar no concurso de Debate.

Atrás de Angélica Fernando, ficaram em 2º e 3º lugar, respectivamente, Cleiton Diamante, da Escola Básica Amílcar Cabral, e Telma Neves, da Escola Básica do Matacuane. Noutra categoria, Deisy Andhini Djohan, da Escola Secundária da Ponta-Gêa, foi a 2ª melhor classificada, enquanto Francisco Felisberto Jocene, da Escola Geral do Estoril, ocupou a 3ª posição.

O Concurso de Declamação de Poesia, que era dirigido a alunos da 7ª à 9ª classe de escolas públicas, tinha como propósito despertar o interesse pela leitura, incentivar a sensibilidade poética e promover a va-



Lúcia José

lorização da literatura moçambicana, por meio da interpretação expressiva de poemas que abordem as temáticas da liberdade, resistência e identidade, exclusivamente de autores nacionais com obra publicada.

Já com o Concurso de Debate, que envolveu alunos da 11ª e 12ª classe de escolas públicas, pretendia-se fomentar o pensamento crítico, a cultura de argumentação e a expressão oral entre os jovens, desafiando-os a debater temas relacionados com cidadania, liberdade, justiça social, identidade e juventude, como foram os casos de “Uso da inteligência artificial na escola: vantagens e desvantagens” e “implicações do consumo de drogas na juventude.

As primeiras classificadas, nas duas categorias receberam *laptops*. Os alunos com a 2ª e 3ª melhor classificação receberam *vouchers* de 3 000,00 MZN e 1 500,00 MZN, respectivamente.[]



FLIK 2025 transcende um evento sobre livros infanto-juvenis e projecta a geração do futuro

Texto: *Inocência Albino*

A recém-terminada edição do Festival do Livro Infanto-juvenil da Kulemba – FLIK 2025 consolidou-se como plataforma número um, em Moçambique, na promoção da literatura infanto-juvenil, lançando bases para a projecção do tipo de cidadãos que irão compor – o que podemos chamar – “a geração do futuro” do País.

Corroborando com o essencial desse conceito, o escritor moçambicano Benjamim Luís, que tomou parte do evento, define a categoria como sendo “uma geração que pensa, questiona e cria”. É que as incontáveis actividades inseridas no evento – desde oficinas de literatura e pintura, lançamentos de livros, debates temáticos, encontros entre autores e leitores, *quiz* literário, concursos, etc. – contribuem, na visão

do autor, para a formação de um cidadão amplamente qualificado.

No FLIK, a criatividade e a arte tomam a palavra falada e escrita como sendo o seu eixo de gravidade. Ocorre que “na arte, aprendemos a imaginar. E imaginar é o primeiro passo para construir uma sociedade mais consciente, mais criativa, mais humana”, considera Benjamim Luís para quem a valorização das artes repercute na valorização da educação, do conhecimento e da capacidade de sonhar.

O FLIK 2025 prestou uma merecida homenagem ao escritor moçambicano Alberto da Barca. Inicialmente com relevância peculiar marcou o ponto inicial do festival. No entanto, quando a cidade da Beira se revestia de múltiplas cores, fazendo-se a catedral da



Alberto da Barca



Celso Celestino Cossa



Izequiel Muchanga

literatura infanto-juvenil entre os dias 18 e 21 de Junho, os escritores moçambicanos Celso Celestino Cossa, Agnaldo Bata, Nick do Rosário, Mauro Brito e o próprio Alberto da Barca assumiram a honrosa oportunidade de partilhar os seus conhecimentos e experiências sobre a produção literária para a criança.

Considerando a sua experiência, em tudo o que esteve envolvido, Cossa reconhece o impacto positivo do FLIK e declara que contribui para a elevação do número de crianças que não precisarão de ser corrigidas quando adultas. Alicerça a sua afirmação no entendimento de que a iniciativa está, “indiscutivelmente, na dianteira do estreitamento do fosso existente entre o livro e a criança.”

Assim, conforme a observação de Izequiel Muchanga, outro participante que ministrou aos petizes uma oficina de pintura, estes adjectivos fazem do FLIK “um espaço de crescimento, inspiração e conexão” entre crianças e adultos, estimulados pela literatura. De facto, a realização do Festival da Literatura Infanto-Juvenil na cidade da Beira e arredores, incluindo participantes locais, nacionais e estrangeiros, oferece oportunidades para públicos diversificados, permitindo que o livro chegue a cada vez mais leitores, em variadas formas. Por esta razão, o escritor Mauro Brito afirma que “é um evento de suma importância para não deixar esmorecer”.

Em sociedades com um contexto como o de Moçambique, com uma forte demanda de formação cidadã, eventos como o FLIK têm a importância de captar diversos aspectos inerentes à cadeia de valor da produção literária, desde a sua promoção, o incentivo à leitura, o fomento de debates sobre temas actuais relevantes, proporcionando encontros produtivos entre autores e leitores. No dizer de Nick do Rosário, o FLIK “oferece uma plataforma para a divulgação de obras, o contacto directo com escritores e a participação em actividades culturais.”

Aprender com as crianças

Uma literatura viva funciona como uma força motriz para vários eventos. Assim, quaisquer que sejam, eventos literários são um bom termóstato para equilibrar a temperatura da literatura de um país. No caso do FLIK, no entender de muitos participantes, concorreu para reunir autores, promover debates sobre temas de interesse comum, criar e partilhar projectos e aprendizados.

Por isso, como era de esperar, muitas crianças participantes demandaram muito proveito da oitava edição do evento recentemente realizado na capital da província de Sofala. Contudo, se por um lado, as crianças absorveram demasiadas aprendizagens, por outro, vale notar que Benjamim Luís se encantou com tudo “o que

aprendi com as crianças. É um momento que guardarei para sempre”, refere o escritor cuja opinião é corroborada por Hotélio Ernesto, representante da Beira Street Art. Hotélio considera que o FLIK assume um papel importante por incentivar a leitura nas crianças e adultos.

Sobre explorar um rico aprendizado proporcionado aos participantes do evento também fala o escritor Agnaldo Bata. O autor aproveitou a ocasião para apreciar “o poder que a literatura infanto-juvenil tem de plantar sonhos e esperanças em pessoas de todas as idades, sobretudo em crianças.”

Como programado, o FLIK contou com a realização de diversas oficinas. No entanto, a oficina de pintura de que resultou um mural pintado por crianças mexeu com as emoções de Celso Cossa. Para si, esse mural capta algo de essencial, pois “consciencializar os mais pequenos sobre a necessidade da preservação dos ideais da liberdade’ é uma atitude imprescindível para a formação de adultos conscientes.”

Por isso, a avaliar pelo resultado, mais do que futuros escribas, o FLIK está a potenciar a emergência de novos artistas plásticos. Afinal, aos alunos que participaram na pintura do mural, “foi uma experiência que lhes inspirou a continuar a pintar”, acentuou Hotélio Ernesto.

Preservar a diversidade

Historicamente, vale admitir, a valorização da diversidade, mesmo no seio dos seres humanos, sempre foi um desafio. Conceitos como nazismo, tribalismo, genocídio, racismo, etc., incorporam diversas formas de intolerância à diversidade e do desrespeito à alteridade entre Homens.

A este respeito, Izequiel Muchanga considera que, para si, o ápice do FLIK foi estabelecido quando pôde trabalhar com crianças de diferentes etnias, cores e origens. “Isso tocou-me profundamente, pois a inclusão é um dos pontos fortes nas minhas obras de arte. Além disso, foi incrível poder aprender enquanto ensinava aquilo que já sei.”

A escritora brasileira Lucia Tucuju teve uma participação remota e virtual no evento. No entanto, a sua emoção está justamente associada ao ver a sua obra consagrada pelo outro do outro continente, país e até pigmentação.

Em seu dizer: “desde quando entrei na *Live* já foi uma experiência emocionante. No entanto, quando vi as crianças a ler os meus poemas de ‘Tucumã’ foi incrível. Prestigiaram o verso que escrevi e as palavras da minha cultura, saindo da boca dos alunos. Foi um encontro de culturas diferentes. Deixaram-me encantada



Benjamim Luís



Hotélio Ernesto



Agnaldo Bata



Lucia Tucuju



Mauro Brito



Ninfa Parreiras

com o seu sotaque quando recitaram o que escrevi”, refere Lucia entusiasmada.

É provável que o ponto mais alto e cheio de ternura na celebração da diversidade, na oitava edição FLIK, tenha sido o vivido por Mauro Brito. O escritor emocionou-se com a sua interacção, numa escola da cidade da Beira, “com alunos deficientes auditivos”. Diz que tal condição, “não impossibilitou a nossa comunicação, embora limitada, porque o essencial vê-se com o coração”.

Entretanto, de facto, a partilha de experiências entre pessoas, falas, sotaques e brilhos nos olhos diversificados, proporcionadas aos participantes do evento, foi, na visão da escritora brasileira Ninfa Parreiras cuja participação também foi remota, uma cena incrível, “porque senti o clima moçambicano aqui do Brasil”. Parreiras entende que a literatura é um encontro entre pessoas e palavras. Todavia, “um festival literário do porte do FLIK, envolvendo crianças, adultos, diferentes artistas e o livro reforça o valor da literatura.”

Enfim, com o passar dos anos, o FLIK vai sofrendo metamorfoses evolutivas na forma e no conteúdo, o que é apreciável, pois acompanha as transformações da capital da província de Sofala e do Movimento Literário Kulemba, o seu patrono.

Contudo, a maior e mais importante transformação que se ganhou com o tempo ocorreu nas consciências. No dizer de Celso Cossa, as “crianças procuram livros. Livros procuram crianças.” Mas também vários públicos de interesse “já têm a consciência de que na semana do Dia de África de cada ano, há um evento onde o livro e as crianças são um só corpo, o Festival do Livro Infanto-juvenil da Kulemba, o FLIK.”

Sobre o FLIK

O FLIK é o primeiro e o único festival do livro infanto-juvenil existente em Moçambique. Está baseado na cidade da Beira. É realizado há oito anos e é um dos vários produtos da Associação Movimento Literário Kulemba, criada por jovens entusiastas da literatura da província de Sofala, em 2014. Com o passar dos anos, estes organismos conseguiram afirmar-se e consolidar-se como agentes da literatura moçambicana.

Como resultado, a oitava edição do FLIK, decorrida este ano, juntou mais de uma dezena de autores moçambicanos, incluindo participantes de países irmãos como Portugal e Brasil, usando recurso a tecnologias de comunicação virtual.[]



O Estado deve atrair empresários para investirem em livrarias e gráficas

Texto: Dany Wambire

É fundamental que o Estado se envolva “na criação de um ambiente de negócios que atraia os empresários para que invistam em livrarias e gráficas”, defende Alberto da Barca, escritor que, recentemente, foi homenageado na 8ª edição do Festival do Livro Infantil da Kulemba (FLIK 2025). Para o autor, considerado como um dos precursores da literatura infanto-juvenil em Moçambique, os livros infanto-juvenis produzidos no país ainda não são acessíveis a maioria das crianças moçambicanas. Acompanhe, nesta entrevista, a trajetória de um artista multifacetado, cujo percurso se confunde com o da literatura infanto-juvenil em Moçambique.

Alberto da Barca é considerado um dos precursores da literatura infanto-juvenil em Moçambique. Como nasceu o seu interesse para este tipo de literatura?

Na época, estou a falar de 1990, notei que havia um grande vazio em relação a este tipo de literatura. As crianças limitavam-se a ler — quando liam — apenas os livros escolares. E como estes tinham e têm um propósito curricular específico, que é a aprendizagem de matérias científicas relacionadas com o ler, escrever e contar, portanto, desenvolvimento cognitivo. Aspectos relacionados com a transmissão de princípios e valores, estímulo à reflexão, desenvolvimento emocional, imaginação, criatividade, empatia, etc., não eram trabalhados de todo. Para além disso, era preciso que os miúdos tivessem contacto com textos lúdicos, portanto textos vocacionados para puro entretenimento.

Na época, que facilidades tinha para desenvolver este género de literatura?

Tinha excelentes colaboradores técnicos, materiais, consumíveis, equipamentos e mercado. Apesar das limitações técnicas que dificultavam a impressão de livros a quatro cores, decidimos (nós Editora Escolar) avançar.

Os seus primeiros livros infanto-juvenis publicados foram, provavelmente, *A bola azul* e *Crescer mais*. Consegue descrever como estes textos foram pensados e se cumpriam alguma função literária no contexto da altura?

Em primeiro lugar, importa lembrar que estes textos foram pensados e concebidos para preencher o vazio de textos complementares que me referi há bocado. Comecei por escrever poemas lúdicos rimados, alguns poemas com conteúdos relacionados com as disciplinas, como forma de ensinar



de forma mais atractiva e cativante. Na sequência, surgiram livrinhos com histórias muito simples visando ir ao encontro das crianças pré-leitoras, ajudando assim os pais a contar histórias simples e curtas que são fundamentais nessa fase de crescimento etário e cognitivo.

À semelhança de Angelina Neves, Alberto escreveu e ilustrou os próprios textos? Foi por desejo ou havia falta de profissionais especializados na época?

Sim, illustrei vários dos meus livros. No início foi porque não havia ilustradores à altura e também porque sentia que as minhas ilustrações respondiam melhor às mensagens que eu me propus passar. Mais tarde, contamos com a consultoria de ilustradores internacionais que deram formação aos nossos ilustradores e a candidatos que aproveitaram a oportunidade para aprenderem as técnicas e passaram a participar nas nossas publicações.

Como avalia a produção, circulação e o consumo do livro infanto-juvenil actualmente?

Essa é certamente uma das perguntas-chave, com várias vertentes de análise. Precisaríamos de largas horas para aprofundar, mas vou tentar tocar nos aspectos essenciais. Quanto à produção, tenho a percepção de que a oferta está no bom caminho em termos de quantidade de livros publicados. Quanto à qualidade dos textos sobretudo, tenho reservas. Se olharmos para a qualidade gráfica, constato que de uma maneira geral são de boa qualidade, chegando a ponto de haver alguns exageros na qualidade do papel do miolo que acabam por tornar os livros mais caros e por via disso menos acessíveis para as famílias.

Em relação à distribuição...

É fácil constatar que os livros, de uma maneira global, têm uma distribuição limitada a um número insignificante de livrarias. Se, pelo menos, as escolas tivessem bibliotecas, mesmo que fossem muito básicas, isso contribuiria para que os alunos tivessem acesso aos livros sem terem de gastar os poucos recursos das famílias moçambicanas.

No que toca ao consumo, não tenho dados exactos para análise, mas não é muito difícil imaginar que o consumo é muito baixo, não só devido ao baixo poder aquisitivo das famílias (apesar dos baixos preços praticados) mas também e quiçá sobretudo pela falta de cultura e hábitos de leitura da grande maioria dos pais e encarregados de educação. Esta situação é válida tanto para a época em que iniciamos a produção de livros infanto-juvenis como para a actualidade.

Volvidos quase 30 anos, o que se perdeu ou se ganhou neste segmento?

Só ganhamos! Não perdemos nada porque não havia nada a se perder! Agora está na hora de pararmos para reflectirmos sobre o que já fizemos e prepararmo-nos para uma nova fase de livros, com melhor qualidade em termos de conteúdo, mais ajustados às diversas faixas etárias e mais acessíveis às famílias.

Foi a figura homenageada do FLIK 2025. Que significado teve para si esta distinção?

Significa o reconhecimento pelo facto de ter alertado para a importância de publicarmos os nossos próprios livros infanto-juve-

nis, que retratassem as nossas tradições, a nossa cultura, a nossa geografia, enfim a nossa realidade social e ambiental, sempre numa perspectiva de preenchimento do tal vazio a que me referi no início da nossa conversa. Mas devo também reconhecer que é uma grande responsabilidade para que continue a dar o meu contributo para a educação complementar das nossas crianças e estimule os novos escritores a participarem nesta actividade tão necessária, apaixonante e difícil, que é escrever para crianças, a maior parte das quais têm a língua portuguesa como segunda língua. Aqui fica o desafio para apostarmos também na tradução e na escrita nas nossas outras línguas nacionais.

O evento tinha como lema: os continuadores da liberdade. De que forma o acesso ao livro infanto-juvenil pode contribuir para a preservação da liberdade?

Saber ler e desenvolver o espírito crítico nos textos que se lê constitui o primeiro passo para a conquista e preservação da liberdade vista como um todo. A liberdade de pensar, imaginar, reflectir, escolher, etc., contribui de forma decisiva para a formação de cidadãos críticos conscientes e engajados na sociedade.

Quais são os perigos de não se dar atenção à literatura infanto-juvenil?

São os perigos óbvios. Estaremos a formar adultos mal preparados para resolver problemas, para tomar decisões, e adultos sem princípios, valores e ética. Um adulto que tenha aprendido apenas a lidar com as ciências exactas, não será capaz de ter empatia com os elementos da sua família, da sua comunidade e da nossa sociedade. Dificilmente poderá ser um cidadão do mundo, capaz de contribuir para o bem-estar e progresso da humanidade.

Os livros, hoje, também têm concorrência das redes sociais. Como dar a volta por cima?

É outro grande perigo, o dos telemóveis, *tablets* para além da televisão. Há vários estudos que comprovam que cada vez mais as crianças e jovens estão dependentes e quiçá viciadas nas redes sociais, na internet, por culpa dos pais. Para não terem que os aturar, oferecem um celular e não fazem qualquer tipo de controlo sobre a sua utilização. Os miúdos acabam aprendendo de tudo menos o que mais interessa para o seu desenvolvimento cognitivo. E mais, por conta dos celulares, as crianças perdem o sentido de sociabilidade, adquirem hábitos e comportamentos esquisitos e acima de tudo esquecem que são crianças que precisam de brincar, de interagir com outras, de jogar, de subir em árvores, cantar, dançar, abraçar, beijar enfim, tudo o que uma criança precisa para o seu desenvolvimento equilibrado.

Foi um dos principais oradores do curso de literatura infanto-juvenil, promovido pelo FLIK 2025. Que impressões teve deste encontro com escritores mais jovens?

Foi uma excelente oportunidade para trocar ideias e aprender com os jovens escritores e com os candidatos a es-

critores de livros infanto-juvenis. Por outro lado, serviu para levantar questões que me parecem de fundo, no sentido de repensarmos no que andamos a escrever e sobretudo como estamos a escrever e para quem.

No evento defendia a ideia da realização de um inquérito para aferir o tipo de temáticas preferidas das crianças? Alguma coisa o incomoda no tipo de literatura infanto-juvenil que se produz hoje?

Sim, muitas coisas me incomodam como me referi na resposta à sua pergunta anterior. Poderia inclusive acrescentar, até que ponto é que estamos a pensar nos pais e nos professores quando escrevemos os nossos textos. Dá-me a impressão de que estamos a escrever para nós mesmos e não para um público infanto-juvenil.

Por que diz isso?

Tenho visto livros com conteúdos abstractos que eu próprio tenho dificuldades de perceber onde é que o autor quer chegar. Fico com a impressão de que estão ansiosos para ver o livro publicado e pouco preocupados em saber se os temas e linguagens adoptadas vão ao encontro do nível etário das crianças do ambiente em que vivem, se é para crianças rurais, urbanas, dos subúrbios ou do centro da cidade, da classe média ou alta, se têm o português como língua materna ou não.

Em paralelo com os textos, temos as ilustrações. Serão adequadas para cada uma das situações a que me referi? Eu próprio me critico em relação a esses aspectos. Na minha época, a prioridade era colocar os livros disponíveis. Com essa pressa, acabávamos por publicar livrinhos sem os testar junto do público que queríamos atingir. Mas hoje, não deve haver essa pressa, essa ansiedade. Vamos com mais calma testar os livros a serem publicados, junto às escolas, aos nossos filhos, sobrinhos, vizinhos. etc. Vamos ouvir os professores, vamos ouvir os pais e encarregados de educação.

Para terminar, gostaria de deixar mais apelos para outros intervenientes da cadeia do livro?

Sim. Primeiro, fica aqui o apelo para que o Estado, através das suas instituições vocacionadas, se posicione de forma estruturada e organizada para prover as nossas crianças com mais livros infanto-juvenis em quantidade e qualidade. É fundamental que se envolvam na criação de um ambiente de negócios que atraia os empresários para que invistam em livrarias e gráficas para que os livrinhos estejam mais próximos e mais acessíveis às nossas crianças. Outro apelo vai para os pais, para que invistam seriamente na literatura infanto-juvenil para os seus filhos e participem activamente quer na compra como na leitura e conversa sobre o que os seus filhos leram. As escolas devem promover feiras do livro regulares, leituras e declamação de poesia, com prémios para os melhores textos escritos pelos alunos e declamadores.[]

Reportagem fotográfica do FLIK 2025





Um poeta premiado que cresceu sem livros

Texto: *Lucas Muaga*

Aos 31 anos, Zacarias Lucas Lázaro Nguenha alcançou a glória. Venceu, há dias, o Prémio Literário Fernando Leite Couto 2025. Quem o vê, dificilmente imagina estar diante de alguém que cresceu sem livros, especialmente os literários. Afinal, como se sabe, é através da leitura que se molda um escritor.

Zacarias Nguenha nasceu a 4 de Fevereiro de 1994. É natural da localidade de Munhinga, no distrito de Sussundenga. Cresceu naquela região da província de Manica, que, até hoje, enfrenta sérios problemas no acesso a livros. Ali falta um pouco de tudo: obras, bibliotecas e livrarias. Ou seja, consumir literatura é um privilégio reservado a poucos.

“Cresci num distrito onde, da primeira à quinta classe, não tive contacto com livros”, conta, falando de uma história de vida que revela uma realidade gritante sobre Manica e não só.

“Comecei a ler livros literários no meu primeiro ano da faculdade”, diz. A sua primeira leitura, conforme explica, aconteceu em 2014, quando frequentava o curso de Direito na Universidade Púnguè. Estreou-se como leitor com “Balada de Amor ao Vento”, obra que, em 1991, fez de Paulina Chiziane a primeira mulher moçambicana a publicar um romance.

Naquela altura, já trabalhava como educador, uma das suas grandes paixões. Concluiu o curso médio de formação

de professores em 2012, antes de se formar em Ensino da Língua Portuguesa pela Universidade Católica de Moçambique (UCM), em 2018. Está afecto à Escola Básica de Ingomane, em Gondola, desde 2013.

“Havia alguns livros no meu local de trabalho. Eu levava-os e lia em casa, à noite ou aos fins-de-semana”, conta o autor, que considera o período de 2014 a 2016 como o da sua iniciação literária.

“Falar dos meus primeiros contactos com a literatura é mencionar, por exemplo, obras como ‘Os Lusíadas’, de Camões, ‘Balada de Amor ao Vento’, de Paulina Chiziane, ‘Orgia dos Loucos’, de Ungulani Ba Ka Khosa, e outros livros de Mia Couto”, explica.

Estes são alguns dos autores que lhe mostraram os caminhos da escrita. Ao lê-los, foi ganhando confiança para escrever os seus próprios textos. E assim nasceram os seus dois livros: “Confissões da Madrugada”, publicado pela Massinhane Edições, e “Costurar a Linguagem”, vencedor do Prémio Literário Fernando Leite Couto 2025.

Como um sonho se transformou em realidade

Zacarias Nguenha acaba de realizar um sonho: vencer o Prémio Literário Fernando Leite Couto. Quando soube, em Abril, que as inscrições para o certame estavam abertas, o poeta começou a traçar as estratégias que o levariam à vitória.

Uma delas foi aprender com os vencedores anteriores, através das suas obras. Leu, por exemplo, “Diamantes Pretos em Meio a Cristais”, de Maya Ângela Macuácuca; “Quando os Mochos Piam”, do falecido Jeremias José Mendoso; “Da Casa: o seu inclinado murmúrio”, de Gibson João; e “Incêndios à Margem do Sono”, de Óscar Fanheiro.

Estas e outras obras mostraram-lhe os caminhos necessários. No entanto, o percurso até à glória não foi feito apenas na solidão. Contou com o apoio do também autor e professor João Baptista, que o ajudou a encontrar luz onde antes havia apenas escuridão.

“Fui ter com ele e disse: ‘Tu és meu conterrâneo, por favor, peço que dê uma olhada nos meus textos...’”, recorda, em tom de brincadeira. Deste gesto nasceu uma cumplicidade literária. João Baptista tornou-se num dos seus principais leitores e colaborou na revisão linguística da obra.

“Perguntei se este trabalho podia vencer, mas ele respondeu que era publicável. Entendi que precisava melhorar e então trabalhei todos os dias. Lembro-me de que até faltei a algumas aulas na universidade, porque o tempo estava apertado. Pedi que separasse o que era publicável para poder melhorar o que não estava bom — e assim foi feito”, conta.

O resultado foi “Costurar a linguagem”, obra vencedora da sétima edição do Prémio Literário Fernando Leite Couto. No entanto, quase não participou, pois, quando submeteu o trabalho, o prazo de candidaturas estava prestes a encerrar. Além disso, ao verificar o número de concorrentes, sentiu um frio no estômago e pensou em desistir.

“João Baptista disse-me que eu podia ganhar e até recomendou que orasse todos os dias”, recorda. Assim, após uma longa espera, viu “Costurar a linguagem” figurar entre os 10 finalistas, até que, finalmente, a 18 de Julho, foi anunciado como o grande vencedor.

Como prémio, o autor, que é finalista do curso de licenciatura em Direito pela Universidade Púnguè, recebe 150 mil meticais e participará numa residência literária em Portugal, onde será um dos rostos do Festival Literário Internacional de Óbidos (FOLIO - 2025).

Em Portugal, apresentará a sua obra e será exemplo daquilo que escreve e sente a nova geração de escritores moçambicanos. Espera, igualmente, aprender novas técnicas, conhecer lugares inspiradores e colher ideias para “costurar” futuras obras.

“O mundo abriu-se e tenho a oportunidade de conhecer novas terras e outras gentes. Penso que parte do prémio será para comprar livros que antes não tinha como adquirir”, explica, acrescentando que “ganhar um galardão é como plantar: não se deve comer todo o milho da colheita, e é isso que pretendo fazer”.

Nguenha quer investir parte do prémio na leitura, missão que considera essencial como autor, estudante e professor.

Quero criar um movimento literário

O poeta mostra-se mais altruísta. Quer criar um movimento literário que envolva várias escolas de Manica, come-

çando com os alunos do ensino secundário. O plano ainda está em delimitação, mas revela que uma das coisas que irá fazer é criar concursos literários para atrair jovens para a literatura.

“Assim ajudo não só a escola onde trabalho, mas também a comunidade. Talvez, no futuro, possamos contar com apoio empresarial. Aos poucos, com o nosso esforço, vamos sensibilizar quem tem capacidade de nos apoiar”, comentou.

Zacarias Nguenha dedica o prémio a Manica, sua terra natal. É que não obstante o facto de ter crescido sem livros à sua disposição, olha para aquela província como uma das menos representadas no panorama literário nacional.

“Manica ainda está a afirmar-se literariamente. São poucos os que já publicaram livros”, disse à revista “Soletras”, citando autores premiados como Adelino Albano Luís e David Bene. Menciona ainda o escritor Timóteo Papel, que lidera um clube de literatura local.

“O crescimento literário está a acontecer. Este prémio é o reconhecimento de um trabalho que se vem fazendo em Manica. Antes, ninguém me conhecia, mesmo tendo publicado. Poucas pessoas aderem à literatura — talvez porque não vêem nela uma utilidade directa como acontece com um diploma académico”, comentou.

Os que se dedicam à literatura, considerou, assim o fazem porque, provavelmente, um professor os obrigou. No entanto, a visibilidade que Manica está tendo agora, defende, é também um sinal de responsabilidade. É hora, por exemplo, de investir no apetrechamento das bibliotecas.

“Apesar de crescer sem muitos livros, o nosso trabalho é exactamente produzi-los. Os escritores têm de comprar livros”, disse.

Versos sobre a poesia

“Costurar a linguagem” é um livro que une prosa poética e verso livre. O mais curioso é o facto de ser uma poesia que discute a própria construção poética. Ou seja, é como se Zacarias Nguenha fosse um alfaiate muito empenhado em dar nova forma e vida aos panos.

“Pego num tecido simples e transformo-o em algo belo. Uma blusa, umas calças. Ninguém imagina que aquilo era só um pano. Pensamos que as peças nascem prontas, mas há sempre alguém que as trabalha”, explicou.

Segundo Zacarias Nguenha, desde o século XVIII, a literatura — especialmente a poesia — tem-se concentrado no trabalho da linguagem. A sua obra faz um intercâmbio entre a poesia e a teoria da literatura. É “necessário codificar a linguagem para que o leitor a descodifique”.

“O livro ainda não foi lançado, mas há um poema que diz algo mais ou menos assim: ‘eu não escrevo, eu afino tendões’. O meu papel não é apenas escrever; qualquer um pode escrever. Eu afino a guitarra e, depois, quem dança somos eu e o leitor”, concluiu.[]



“Narração nocturna”, novo romance de João Paulo Borges Coelho, chega às livrarias

Texto: *Redacção*

Chegou às livrarias nacionais, no final do mês de Junho, o novo romance do escritor moçambicano João Paulo Borges Coelho.

Intitulada *Narração nocturna*, a obra, de 254 páginas, tem como protagonista José Fernandes Júnior, um “indígena”, que recebe de um administrador a encomenda para escrever um texto sobre a história de Chiúta. Entretanto, ao mesmo tempo em que a personagem escreve para o administrador, uma filha rebelde desafia-lhe a imortalizar determinadas memórias “não oficiais”, as quais são narradas na calada da noite.

A figura de José Fernandes Júnior é muito curiosa, tendo em conta o contexto colonial, em que muitos moçambicanos eram iletrados. A personagem contraria a regra e chega a redigir inúmeros documentos importantes, como “Divagações históricas sobre o distrito de Tete” (1944), “Nota histórica sobre o distrito de Tete” (1945), “Narração do distrito de Tete” (1956) e “Comunicação do indígena José Fernandes Júnior, residente no Posto Administrativo da Chiúta, acerca do alemão Carlos Wiese” (1958).

É justamente por José Fernandes Júnior ser um indivíduo influente entre os seus contemporâneos e ter escrito uma série de textos interessantes sobre a História que chamou a atenção de João Paulo Borges Coelho para o retratar em *Narração nocturna*.

Na óptica do romancista, a pena de José Fernandes Júnior funciona como um acto de rebeldia, porque quebra a ideia de que o colono escrevia e o “indígena” apenas ouvia.

A obra *Narração nocturna*, que sai sob a chancela da Editorial Fundza, deverá ser lançada brevemente nas cidades de Maputo e Beira.

João Paulo Borges Coelho é historiador e escritor de ficção. Tem obras publicadas em Moçambique, Portugal, Itália, Brasil e Colômbia e textos antologados em muitos países. Várias obras suas foram distinguidas, nomeadamente *As Visitas do Dr. Valdez* (Prémio Craveirinha), *O Olho de Hertzog* (Prémio Leya), *O Olho de Hertzog e Ponta Gea* (Prémio BCI, 2010 e 2018, respectivamente), e *Museu da Revolução* (2º lugar do Prémio Oceanos).[]



Leo Cote



M. P. Bonde



Sânia Iacuti



Celestino Joanguete



Hélder Muteia



Lavimó da Verónica



Lucílio Manjate



Mélio Tinga

Autores finalistas consideram que Prémio Literário Mia Couto valoriza obras literárias

Texto: José dos Remédios

A notícia chegou como uma surpresa. Ao meio da tarde do dia 5 de Julho, a Associação Kulemba e a Cornelder de Moçambique revelaram os títulos finalistas da terceira edição do Prémio Literário Mia Couto: *As coisas do morto*, de Francisco Guida Jr.; *Instalação do corpo*, de Léo Cote; *O pouso do casco*, de Lino Mukurruza; *Um umbigo arde na boca*, de M. P. Bonde; *Tocar o ser*, de Sânia Iacuti (poesia); *A queda do Macombe Chipapata: tramas e revoltas*, de Celestino Joanguete; *O código das serpentes*, de Hélder Muteia; *As origens*, de Lavimó da Verónica; *Última Memória. Entrevista com Sthoe*, de Lucílio Manjate; e *Névoa na Sala*, de Mélio Tinga (prosa).

Há um mês de serem anunciados os grandes vencedores, os oito dos 10 finalistas que falaram à *Soletras*, em geral, consideram que só o facto de os seus livros terem sido seleccionados para a derradeira fase traduz uma enorme satisfação, porque se sinaliza uma qualidade literária na óptica do júri. A este respeito, o primeiro a reagir foi o poeta Léo Cote, para quem o Prémio Literário Mia Couto é o maior galardão no que diz respeito à distinção do melhor livro do ano

no país. Por isso, estar entre os finalistas significa que a sua *Instalação do corpo* se encontra numa montra de privilégios capaz de despertar o interesse dos leitores, sejam “leigos” ou “especialistas”. E o autor ainda sublinhou que o facto de se encontrar entre os finalistas pode contribuir para que a sua escrita seja analisada por críticos literários.

Num contexto em que o anúncio dos vencedores dos prémios literários desperta muito debate sobre questões inerentes à credibilidade, Léo Cote referiu que um dos problemas que contribui para acender as discussões tem a ver com maus perdedores. “Às vezes, quando nós perdemos um prémio, temos a dificuldade de assumir que o autor que ganha pode não ser melhor do que nós, mas que a sua obra que ganhou foi a melhor do que a nossa no concurso”.

Quem também considera que o seu livro se encontra numa montra é M. P. Bonde. Tal possibilidade, enaltece, constitui um privilégio numa época em que “o livro é difícil de editar e os leitores são difíceis de alcançar”. Logo, acredita o poeta, no caso de quem ainda não leu *Um umbigo arde na*

boca, pode sentir-se estimulado a adquirir o seu exemplar. E fundamenta: “A crítica literária não acompanha muito o que é produzido no país. Então, quando o livro se encontra na final, com um júri credível, isso já ajuda, até porque um dia os membros do júri podem escrever uma crítica sobre o livro. E uma opinião mais cuidadosa de especialistas ajuda-nos a ter uma melhor percepção sobre a nossa produção”.

Sem esconder que gostaria de vencer o prémio, até porque o valor em causa lhe permitiria adquirir ferramentas necessárias para a oficina de escrita, M. P. Bonde assume que os prémios ajudam a dar visibilidade à obra e estimulam o autor a produzir mais e melhor.

Entre os finalistas da terceira edição do Prémio Literário Mia Couto, há apenas uma autora, e na categoria poesia. Quando Sânia lacuti soube que a sua obra tinha sido selecionada, ficou profundamente emocionada e surpresa. “É um reconhecimento incrível e uma honra estar entre os finalistas. Sinto-me grata e privilegiada por ter tido a oportunidade de compartilhar o meu trabalho com o júri e agora ter a *chance* de estar entre os melhores”.

De igual modo, para poetisa, estar na lista dos finalistas é um grande reconhecimento da sua dedicação à escrita, pelo que espera que o seu trabalho possa inspirar e tocar os leitores. “O Prémio Mia Couto é um reconhecimento fundamental da literatura moçambicana, representando um incentivo valioso para os escritores e uma plataforma para promover a diversidade e a inclusão na literatura. Além disso, é uma iniciativa notável que valoriza a criatividade e a originalidade dos escritores, destacando a riqueza e a complexidade da literatura moçambicana. É um prémio que merece ser reconhecido e celebrado, não apenas por sua importância cultural, mas também por seu impacto positivo na comunidade literária”.

Na prosa, o primeiro a reagir à novidade revelada pela Kulemba e Cornelder foi Celestino Joanguete. Para o escritor, ser finalista de um prémio que leva o nome de uma das figuras mais respeitadas da literatura mundial é algo que lhe tocou profundamente. “No momento em que fui informado, recuei mentalmente para os tempos de escrita solitária, de dúvida criativa, de resistência frente às dificuldades do quo-

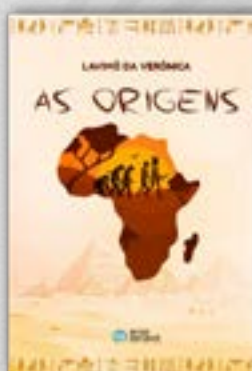
tidiano. Ser reconhecido neste patamar é uma validação não apenas do meu trabalho, mas também do percurso colectivo que envolve as vozes e silêncios das comunidades e realidades que retrato”.

Motivado, o autor de *A queda do Macombe Chipapata: tramas e revoltas* diz que, num país como Moçambique, onde a escrita nem sempre encontra espaço de valorização institucional ou editorial, ser finalista do prémio é um sinal de que há caminhos possíveis, mesmo que longos e sinuosos. Sobretudo porque a literatura “É também uma forma de devolver às vozes silenciadas da minha terra o direito de serem escutadas por leitores de outros territórios. Este reconhecimento amplia o horizonte da obra, mas também carrega uma responsabilidade: continuar a escrever com autenticidade e consciência”.

Mais do que um resultado numérico ou um troféu, os finalistas da terceira edição do Prémio Literário Mia Couto esperam que a oportunidade se converta em canal de circulação da sua criatividade estética. Pois, assim, isso significará serem mais lidos e inspiradores, o que, por conseguinte, como frisou Léo Cote, pode atrair os académicos, os editores ou livreiros, essenciais para a divulgação literária. Neste caso, acrescentou Celestino Joanguete, “o Prémio Mia Couto tem um papel fundamental na consolidação de uma literatura moçambicana escrita em língua portuguesa que não se submete a padrões eurocêntricos ou simplificadores. É um prémio que valoriza a autenticidade da voz do autor, o enraizamento cultural e a densidade estética dos textos”.

Ora, quando Hélder Muteia soube que era finalista, nas suas próprias palavras, “de um prémio tão prestigioso”, ficou com um sentimento especial, de alegria e surpresa. E esclareceu: “Quando eu escrevo, não fico a pensar nos prémios que possam advir da produção literária”. Ainda assim, assumiu que é refrescante saber que alguém leu e deu algum mérito ao labor literário.

Para o autor de *O código das serpentes*, o que é importante assinalar é que a presença na fase final significa fazer parte de um grupo que mereceu particular atenção e algum res-





peito dos membros do júri. “Naturalmente, se formos contemplados, é mais uma alegria que damos aos leitores. Isso vai motivar e incentivar a leitura e também será motivador para quem escreve. O resultado já é positivo e, depois, vemos, mais tarde, qual será a decisão do júri”.

Conforme entende Hélder Muteia, o Prémio Literário Mia Couto é muito prestigiado e muito prestigiante, e o escritor crê que está a fazer muita diferença em Moçambique. Não só na promoção do labor literário, mas, particularmente, porque ostenta o nome de uma das figuras emblemáticas da nossa literatura, “E, naturalmente, é prestigiante estar associado ao prémio, a essa figura e a todo o exercício literário em Moçambique”.

Ainda na categoria prosa, é finalista Lavimó da Verónica. Por se ter estreado em livro com *As origens*, o escritor não esperava pela surpresa. “É, sem dúvidas, um momento importante para a minha carreira literária. Além disso, visto que eu sou da Cidade da Beira, então, pelo facto do Mia e do Prémio serem da mesma cidade, o prémio possui, para mim, um significado simbólico”.

O autor de *As origens* espera que vença o “melhor” livro, na perspectiva do júri. “Contudo, para mim, não quer dizer que os demais livros não são excepcionais. Todos os finalistas são eminentes escritores. Quanto a mim, atendendo o meu trajecto literário, já me tomo como vencedor, mesmo que não ganhe”.

Tal como referiram os outros candidatos, na percepção de Lavimó da Verónica, o Prémio Literário Mia Couto é um dos melhores prémios de literatura em Moçambique. “Este estatuto faz jus ao escritor que dá nome ao prémio. Ademais, incentiva significativamente os escritores moçambicanos, tanto os emergentes quanto os conceituados, a rabiscarem uma alta literatura”.

De igual modo, Lucílio Manjate confessa que ter o seu livro entre os finalistas do concurso é especial, pois, “Para quem conhece a minha obra sabe que tenho em Mia Couto um dos mestres que me ensinou a descobrir mundos possíveis através da literatura”. Logo, acrescenta o escritor, a selecção do seu livro também significa que as razões, os

sonhos, as lutas que lhe levam a escrever não são em vão. Não são razões, sonhos e lutas apenas seus, mas também de quem lê.

Em termos de expectativa, o autor de *Última Memória*. *Entrevista com Sthoe* espera que a presença na final do concurso seja uma oportunidade para vender mais ainda a sua obra, dentro e fora de Moçambique. “Que ela me coloque em contacto com mais leitores, em sessões ou rodas de conversa sobre a obra, sobre literatura e sobre a leitura. Nós, escritores, muito para além de escrever, gostamos também de conversar sobre o que publicamos. Aliás, isso é muito importante para o nosso trabalho. E, obviamente, espero também que a minha obra venha a merecer a distinção deste ano”, disse Lucílio Manjate, entre risos.

Dos finalistas que aceitaram falar à *Soletras*, o último foi Mélio Tinga, para quem a escrita é livre de qualquer presunção. O autor de *Névoa na sala* conta que o livro foi escrito na pureza, sem teias, sem adereços. Logo, quando, mesmo assim, tem o mérito próprio de chamar atenção ao júri, parece alguma coisa sempre boa. Também por isso: “Estar na lista dos finalistas mostra que a minha contribuição literária tem alguma validade para o leitor. O júri é em primeiro lugar um leitor, um leitor mais apurado, com melhor faro, provavelmente, mas acima de tudo representa uma visão do leitor. Tendo sido escolhido entre vários, estou convicto que o livro tem voz própria, tem corpo, se propaga já fora dos meus braços como autor. Representa a independência e vitalidade próprias do romance”.

Na opinião de Mélio Tinga, o Prémio Literário Mia Couto, que carrega o nome de um dos mais respeitados escritores moçambicanos, dos maiores, e provavelmente o que mais produziu nas últimas décadas, apesar de não ter 10 anos, ocupou um espaço que há muito precisava ser ocupado em Moçambique. O que falta, doravante, é saber-se qual é o espaço reservado a cada um dos 10 livros finalistas do concurso, cujas obras vencedoras serão anunciadas a 5 de Setembro. A cerimónia de premiação, com efeito, será realizada na Cidade da Beira. A distinção inclui 400 mil meticais para cada autor vencedor. []



Craveirinha, esse mandarim: uma possibilidade de leitura*

Texto: Aurélio Cuna

Estar nesta magnífica sala é, para mim, uma alegria e não propriamente uma honra, uma vez que a honra pode ser imerecida, a alegria nunca o é. Alegria de me dirigir a este majestoso auditório, para falar do livro da autoria de Francisco Noa. Muito obrigado, Professor e mentor do meu percurso, por me dar este privilégio. É, de facto, fascinante, apresentar uma das possibilidades de leitura do mais recente livro intitulado *José Craveirinha, esse mandarim*. Um trabalho em que o autor reúne as leituras que tem vindo a fazer da obra poética de José Craveirinha. Esta, por seu turno, é reflexo das sistemáticas leituras que Craveirinha faz do mundo em sua volta. No sentido lato, a leitura é uma forma de apreensão do mundo real ou imaginário. E, na perspectiva mais restrita do texto literário, a leitura faz-nos navegar pelos dois mundos (o real e o imaginário). É, certamente, pensando nisso que o crítico ensaísta francês Roland Barthes afirma, com propriedade, que a literatura é um espaço privilegiado de disseminação e dramatização de saberes múltiplos e infinitos, é, portanto, a expressão do imaginário e sobretudo do mundo real.

Muito a propósito da interacção da literatura com a realidade, gostaria de mencionar um pequeno episódio absolutamente real. Trata-se da cerimónia do anúncio do vencedor do Prémio Literário BCI, edição 2014. O galardão coube a um livro de ensaios literários e reflexões sobre o real circundante, intitulado *Perto do Fragmento, a Totalidade: olhares sobre a literatura e o mundo*, assinado por Francisco Noa. Após o

esperado anúncio, seguiram-se, como de costume, as conversas de ocasião. Foi ao calor dessas confabulações, que ecoava, repetidas vezes, a seguinte pergunta: “por que este livro e não de poesia, de ficção ou mesmo uma obra dramática? Percebia-se, na colocação, um tom de repúdio à decisão do júri. Ou, se quisermos, a pergunta levava o sentido de questionamento aos critérios usados para a premiação da sobredita obra, alimentando, nesse sentido, vagos e, por vezes, pretensiosos comentários. Eis que, hoje, volvidos cerca de onze anos, encontro o momento, o mais apropriado, talvez, não para intentar alguma resposta àquela pergunta, mas simplesmente para reiterar o valor artístico e sobretudo filosófico-intelectual do género ensaístico, factor determinante para a atribuição do referido prémio. E por que este momento? A resposta é simples: *José Craveirinha, esse mandarim*, que é também uma colectânea de ensaios, recoloca, inequívoca e superiormente esse valor.

Falando do género ensaístico, Theodor Adorno, um dos teóricos mais respeitáveis deste género textual, define-o como um modo de exercício intelectual em que a subjectividade não aparece de modo imediato e espontâneo, mas pelo esforço de trazer à tona as configurações concretas dos objectos sobre os quais ela [a subjectividade] se debruça. É, pois, na ordem desse esforço que se molda o estilo de Francisco Noa. Um estilo talhado no investimento intelectual, comprometido com a carreira de investigação e de docência.

Neste livro, em particular, Noa é claramente movido

* Texto lido na apresentação do livro *José Craveirinha, esse mandarim*, de Francisco Noa, a 17 de Julho de 2025, em Maputo.

pelo facto por si confessado de que “a poesia de José Craveirinha se proporciona, pela sua fecundidade estética e temática, a incursões interpretativas”. Assim, em alinhamento com Adorno, para quem “o ensaísta nada tem a oferecer além de explicações de poemas dos outros, ou, na melhor das hipóteses, de suas próprias ideias”, Francisco Noa faz esse exercício intelectual de análise e interpretação da imensa e multifacetada obra de José Craveirinha, o nosso maior poeta.

O autor explora e muito bem os traços distintivos do género ensaístico, nomeadamente: uma escrita que não exige um método nem regras, mas sim uma escrita que apela à liberdade imaginativa, isto é, o género em que o autor imprime sua marca pessoal, faz digressões/ reflexões e explora distintas perspectivas, enfim, temos, nesta obra, o que T. Adorno chama de configuração da objetividade da experiência intelectual. Tudo isso se traduz na exuberância de um discurso científico, erudito, respaldado na Teoria, Análise e Crítica literárias, domínios que Francisco Noa não os perde de vista, em toda a extensão da obra. Com efeito, em cada um dos 10 ensaios que compõem o livro, Noa, feito um iconoclasta combatido, analisa a obra poética de José Craveirinha, à luz de diferentes áreas de conhecimento (literário, linguístico, filosófico, antropológico, económico, religioso, cultural, artístico, mitológico, etc.). O vigoroso embasamento teórico-conceptual, por um lado, e o rigor linguístico e metodológico, por outro lado, impõem que este livro, destinado naturalmente ao vasto público leitor, seja de leitura obrigatória, no domínio da academia, mormente frequentado por leitores especializados, como investigadores, docentes e estudantes.

Importa frisar que a apresentação de um livro é um exercício paratextual que funciona como um adjuvante de leitura. O acto de apresentar um livro também cumpre o papel de instigador da leitura, isto é, tem a função de provocar, no leitor, a necessidade urgente de ler. Deste modo, na tentativa de provocar essa necessidade de ler, passo a apresen-

tar uma das leituras possíveis deste livro. Afinal, do mesmo modo que a escrita literária é infinita, a leitura de um texto literário também o é e sempre o será. E, mesmo para evitar eventuais interferências de outras leituras, irei me deter a três categorias de análise, nomeadamente: Literatura e língua; Literatura e memória; Universo temático.

1. Literatura e língua

O ensaio institui-se como uma experiência individual. Explorando esta propriedade, Francisco Noa recoloca a reflexão em torno da relação entre literatura e língua. Reitera, por exemplo, o sentido bivalente das palavras, estas enquanto ferramenta inesgotável para criação e interpretação de mundos. Por vezes, combinando o perfil académico com a carreira de docente, fornece alguns detalhes conceptuais, como é o caso do conto, um género literário caracterizado por dizer muito com pouco ao mesmo tempo que “direciona a narrativa para uma conclusão intensa, rápida e impactante”. A acuidade com que o autor analisa os textos atesta-se, também, na atenção ao pormenor. É isso que ressalta, quando descreve a linguagem em José Craveirinha como sendo de registos linguísticos distintos, nomeadamente, a “elevação de uma língua subalternizada à nobilitante condição de língua literária”. Ao mesmo tempo, não deixa de ser interessante a reflexão que o autor faz em torno da essência do texto literário, este visto como uma imagem transsensorial, isto é, com diferentes dimensões imagísticas, como sejam a táctil, a olfactiva, a auditiva e a gustativa. Nesse cotejamento da conexão do texto literário com as imagens, Noa, citando George Steiner, um dos seus autores favoritos, chega à penetrante constatação de que, actualmente, “a palavra torna-se, cada vez mais, legenda da imagem”. Com efeito, explorando a dimensão imagística da literatura, o autor verifica que “o gosto pelo estilo, pelo trabalho das formas expressivas, tornou-se uma atitude de Mandarins. E um desses mandarins, como bem esclarece na nota prévia, é José Craveirinha cujo, labor poético é tributário de uma tradição erudita da palavra escrita, por um lado, e de uma tradição em que o poder expressivo se manifesta nas falas e nas interacções do quotidiano africano recheado de sons característicos, musicalidade, imagens, movimentos e de toda uma gestualidade que lhe dá ritmo e vigor, por outro lado. Por conta disso, afirma Francisco Noa, “a escrita de José Craveirinha mantém os seus leitores em permanente sobressalto interpretativo.”

2. Literatura e memória

O presente livro espelha e premeia o trabalho que Francisco Noa vem desenvolvendo sobre a obra poética de José Craveirinha. São anos de estudo minucioso da escrita do poeta da Mafalala. Trata-se de uma espécie de arqueologia da linguagem em suas diferentes facetas, pois, Noa efectua buscas e rebuscas de tudo ou de quase tudo o que existe e disponível sobre a obra e vida do poeta (o ensaio intitulado “os meus encontros com José Craveirinha é exemplo disso). É na esteira desse exercício extenuante, porém compensador



que o autor reproduz a seguinte afirmação de José Craveirinha: “escrevo para não esquecer, para continuar vivo.” Nesta breve e incisiva frase, está expresso o compromisso de José Craveirinha, esse poeta cosmopolita, com a necessidade imperiosa de preservar a memória do seu tempo, através da escrita literária. Por conseguinte, a questão da memória é central, nesta colectânea de ensaios. Aliás, Noa é um obstinado cultor do tema da memória. Por exemplo, além das bem conhecidas obras, *Literatura Moçambicana: memória e conflito*, *Literatura colonial: Império, Mito e Miopia- Moçambique como invenção literária*, publicou vários artigos em que se debruça sobre a memória: “Melledina (ou a história duma prostituta) de Aldino Muianga: a arte da memória”; “Niassa, Terra de Mel... e Leite Amargos de Graça Torres ou a celebração da memória”; “Elogio da memória”. Neste livro, o autor defende que a literatura e a arte em geral são um dos maiores antídotos contra o esquecimento” e, por conseguinte, reserva um lugar especial para a representação da memória na literatura. Ou seja, descreve a “literatura, como arte da linguagem, onde a memória é permanentemente celebrada.” Realçamos, aqui, o facto de que a memória se preserva não só através do processo da escrita, mas sobretudo por meio da leitura. Não é, pois, por mero acaso que o autor se refere à leitura como um processo solitário e individual, oscilando entre o prazer e o padecimento da decifração textual, exigindo o máximo de concentração e de recato. Nessa deliberada incursão pelos domínios da teoria literária e da literacia, o autor destaca a importância da leitura, na perpetuação do diálogo entre o leitor e o espírito criador de quem escreve, das suas angústias, percepções e anseios, bem como das dinâmicas e dos apelos do seu tempo. Trata-se de um franco gesto de exortação à leitura não apenas do riquíssimo legado de José Craveirinha mas de toda a obra literária, porque como o próprio Noa refere, “o encontro maior com escritor é com a obra com que ele/ ela nos foi brindando ao longo da vida.” Enfim, face a quase ausência de hábitos e práticas de leitura, Francisco Noa empunha, ele próprio, o archote e tenta iluminar novos leitores, enaltecendo, reiteradamente, a importância da leitura enquanto mecanismo de rememoração, de dar vida ao que aparentemente o tempo diluiu, ressignificar o que à época parecia desprovido de qualquer sentido.

3. Universo temático:

Na introdução do ensaio “José Craveirinha, contemporâneo de futuros cidadãos”, inserido neste livro, lê-se: “a poesia de José Craveirinha incorpora elementos temáticos, estéticos e simbólicos que a fazem transcender o seu próprio tempo”. Atento a este manancial de códigos literários e paraliterários, o autor debruça-se sobre as temáticas recorrentes na obra de José Craveirinha, como são os casos da figuração da mulher e da representação dos espaços suburbano e rural.

3.1. Figuração da mulher

Para Noa, a mulher representa a essência da vida. À luz deste princípio, de alcance superior, o autor analisa os ensaios (*Reflexões em torno do devir no feminino* em José Craveirinha e

A condição feminina em José Craveirinha, Aldino Muianga e Clemente Bata). Na sua exegese, Noa concentra-se na figuração da mulher, não só na literatura moçambicana, mas nas literaturas africanas. Com efeito, a par da interpretação da representação do corpo da mulher, o autor detém-se aos múltiplos papéis que esta desempenha na sociedade, nomeadamente, o papel de “mãe, esposa, mulher-criança, heroína, trabalhadora, amante, prostituta.” Na explanação de cada um destes atributos, o ensaísta aponta formas pelas quais se concretizam, nos textos. Refiro-me, por exemplo, ao intimismo que encera o amor, a dor, o inconformismo, a solidão, a melancolia, a culpa; refiro-me também ao erotismo e suas facetas, etc. São, portanto, formas que, dialogando com a realidade objectiva, alargam o horizonte do leitor, a respeito dessas matérias sempre actuais.

3.2 A representação dos espaços suburbano e rural

A primazia da categoria ficcional do espaço, na poesia de Craveirinha, mereceu atenção especial do autor. Isso pode ser confirmado no último texto da colectânea, significativamente, intitulado “O espaço mítico em José Craveirinha”. Logo no início do ensaio, Noa enaltece o lugar de eleição do espaço na poética de Craveirinha: “LER José Craveirinha, concretamente o seu Karingana ua Karingana (1982), é, para todos os efeitos, um exercício de revisitação de espaços. Espaços exteriores e interiores, telúricos, sociais, culturais e, muito particularmente, míticos.” É assim que, sem negligenciar os outros espaços, Francisco Noa desvenda os múltiplos tipos e sentidos do espaço mítico. Com efeito, mantendo a virtude disciplinar do género ensaístico, o autor dissecou o conceito de mito, definindo-o como “expressão do universo subjacente à acção humana”. Em seguida, apresenta, didacticamente, as várias representações do mito em José Craveirinha, que, pela importância de que se revestem na leitura da poética de José Craveirinha não só, passo a enumerar: o mito da identidade; o mito de Narciso; o mito de Tchaka; o mito da Perfeição dos começos, o mito do Paraíso perdido; o mito do Eterno retorno; o mito de Babel; o mito da Renovação universal; o mito da Idade de Ouro.

Termino, realçando que, neste livro, escrito com esmero linguístico e rigor científico, Francisco Noa abre pistas para o acesso ao que de mais importante a obra de José Craveirinha oferece: suscitar, no leitor, o espírito crítico, o permanente questionamento das suas próprias percepções, a busca incessante pelo conhecimento e pelo sentido da vida, no mundo cada vez mais regido por incertezas.[]

Referências bibliográficas

- Noa, F. (2025). *José Craveirinha, esse mandarim*. Maputo: Moçambique editora
- Adorno, T. W. (2003). *Notas. Notas de Literatura I*. São Paulo: Editora 34
- Barthes, R. (s/d). *A Aula*. São Paulo: Editora Cultrix

LIVRARIA FUNDZA



Não encontrou o livro que procura?
Nós trazemos para si!

Além de uma selecção de títulos moçambicanos, encomendamos livros de editoras da África do Sul, Brasil, Inglaterra e Portugal.

Fale connosco e peça o livro que deseja!



Cell/WhatsApp:
(+258) 87 47 10 104 / 84 69 72 287



Fundza Livreiros



@fundzalivraria



Adelino Timóteo

A homenagem e outras coisas

Texto: *Elton Pila*

Estamos entrincheirados. Saímos das manifestações pós-eleitorais divididos em dois blocos. Parece ser obrigatório levantar a camisa e mostrar a marca de pele que nos faz pertencentes a um grupo. Não conhecemos a marca na pele de Adelino Timóteo. Mas sabemos do que escreve. E o que escreve, sobretudo nos textos do Canal de Moçambique que são de maior acesso, nem sempre cai bem a quem pensa que a sua marca de grupo é mais moçambicana que a dos outros. E a Universidade Pedagógica, em Maputo, escolheu esta altura para uma homenagem ao autor de “Nós, os de Macurungo”.

Esta homenagem, em Maputo, chega depois da que lhe foi feita na sua Beira, sobre a qual es-

creveu e pintou. Num país em que até a celebração dos escritores e dos artistas plásticos precisa de alinhamento político, homenagear Adelino não deixa de ser um acto de coragem. E também por isso o grande mérito de Jorge Ferrão, José Castiano e Aissa Mithá. Uma coragem que falta ao Prémio José Craveirinha que já caiu em mãos de escritores menores. E não é por Adelino ter sido júri, porque escritores há que deixaram de ser júris para verem as carreiras consagradas. O problema é maior. Como o próprio Adelino anotou na sua vez de fala, já depois de lhe deitarem todos os elogios sobre a sua vida e obra, foi sempre tido como uma das pessoas “mais leprosas deste país”. A Literatura em Moçambique é um corpo estranho. E talvez há-de

ser por isso que, com a noite fria a pedir um copo, Adelino tenha ido tomá-lo ao Núcleo d'Arte e não à Associação dos Escritores. Com a luz que se despeja sobre ele com estas homenagens, continua a ser um nome a ser cotado para a próxima edição do Craveirinha. Afinal, Adelino é dos escritores que mais escreve e que mais nos dá a ver o que escreve, uma produção de livro e meio/ano, entre poesia, novelas/romances, biografias e os textos para o Canal de Moçambique todas as semanas. "São 10 horas diárias de escrita", palavras de Adelino. E, como foi confirmado na homenagem, é também dos artistas plásticos que mais pinta e nos dá a ver o que pinta. São agora 19 exposições individuais.

Os livros de maior fôlego de Adelino, como o ensaísta e jornalista José dos Remédios fez notar, são de um grande olhar ao mundo que envolve o escritor. E muitas vezes um olhar cáustico e irónico. Associar os livros aos textos que publica semanalmente num jornal da praça, vale-lhe a mancha de grande insubordinação. Adelino é um cronista – e contista muitas vezes – zangado. "Pinto e escrevo como quem sangra, para que a ferida respire", escreveu e leu no texto de aceitação a homenagem. Como diria Luís Carlos Patraquim, outro a quem nunca chegou às mãos o Prémio Craveirinha, toda a Literatura é arte, é política, é filosófica. E a obra de Adelino acena com todas estas bandeiras. E isto foi representado em cada uma das intervenções que lhe justificaram a homenagem. Já havíamos referenciado José dos Remédios, mas antes, a professora Teresa Manjate também falou de uma escrita que nos faz perceber o mundo, que intervém no mundo de que faz parte, que chacoalha o leitor, uma literatura política e social (e filosófica). O

escritor Nelson Saúte e o artista plástico Silva Dundo, dois amigos de Adelino, celebraram a mulher no tinteiro do poeta e do artista plástico, como a grande metáfora ou como o meio e o fim em si mesma, como se Adelino fosse um artista inofensivo a celebrar o "berço da vida". Mas é aí que lhe conseguimos encontrar um compromisso maior com a palavra, no caso da poesia, e com as expressões/ritmo, no caso dos quadros. O compromisso com a arte e a estética também é filosófico, também é político. Também por isso, foi uma homenagem que pareceu orgânica. Não foi igual às homenagens em que se pensa primeiro no homenageado. E depois, a escopro e martelo, se tenta construir um discurso para justificar a homenagem. Esta homenagem fez o caminho inverso. Muito do que José dos Remédios disse na homenagem está no livro "O horizonte e a escrita", esta incursão sobre a obra timoteana que nos chegou sob chancela da Fundza.

Numa sala em que estavam amigos, admiradores e conhecedores da escrita de Adelino, faltaram mais estudantes, sobretudo porque o palco da homenagem foi uma Universidade. As homenagens deviam tornar os autores mais conhecidos para novos leitores, os artistas plásticos mais vistos. Colocar a obra de Adelino a ser leitura obrigatória nos cursos de Ensino de Português era uma homenagem maior. E a Universidade Pedagógica tem mandado para isso (ou devia ter). Colocar Adelino no horizonte dos futuros professores torná-lo-ia no horizonte de futuros estudantes e é uma cadeia que se multiplica nas mãos do tempo. Existiria homenagem maior do que chegar a este lugar de grande pretensão a que chamamos eternidade? []



Da esquerda para a direita, José dos Remédios, Jorge Ferrão, Nelson Saúte, Adelino Timóteo, José Castiano e Teresa Manjate.



Adelino Timóteo, um actor multifacetado*

Texto: Teresa Manjate

A poesia é para mim tudo aquilo que procuro revelar, com esplendor, com beleza. [...] quando olho para a poesia suponho-me alguém que olha desde fora deste edifício sedutor, procurando escalar cada parte desse patamar, em cuja configuração há ressonância da matéria intensa, matéria solar que a compõe e a monumentaliza. [...] Eu diria, a poesia foi a primeira mulher por quem me apaixonei. É onde estão os deuses que me apaziguam a alma, as tormentas, me reconcilia com os fantasmas e me permite olhar-me por dentro na perspectiva de ser justo, primeiro comigo mesmo, depois solidário com os outros, redimido de toda a vaidade. (AT, 2015)

1 Adelino Timóteo é um actor multifacetado: é escritor – poeta, romancista e ensaísta –, artista plástico, jornalista, com formação para o exercício de docência de língua portuguesa e jurista. Todas estas competências num só homem.

Como escritor, tem uma vasta obra, mais de 20 livros de poesia e prosa publicados entre 1999 e 2025, com diferentes editoras nacionais e estrangeiras. É um escritor prolífero: contas feitas, escreve mais de uma obra por ano. Quantos textos?

É igualmente multifacetado, na sua escrita, pois desbrava temas diversos que representam realidades do passado, com projecções para um presente e mesmo futuros, paisagens sociais sonhadas, imaginadas que fazem pensar na dimensão humana, numa feição profunda e intrigante, suscitando visões plurais.

Como disse, o autor aborda temas multicolores e multifacetados. Um deles é o da vivência dos **“prazos da coroa”**, por exemplo, revisitado amiúde, com *Os Oito Maridos da Dona Luíza Michaela da Cruz* (2017) ou *O Feiticeiro Branco* (2020), convocando uma revistação de espaços, histórias e vivências que trazem para a mesa do presente, memó-

rias esquecidas, marginais ou marginalizadas. No dizer de Pollak (1992), apesar de as memórias parecerem um fenómeno individual, algo relativamente íntimo, elas devem ser entendidas também, ou sobretudo, como um fenómeno colectivo e social, submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes. Estes universos revisitados e (re) imaginados constroem aquilo que se pode chamar identidade social. E este é um dos papéis da Literatura: actuar como um espelho da realidade, permitindo reflexões sobre aspectos sociais, promovendo a leitura e a compreensão das diferentes realidades, além de contribuir para a formação de cidadãos críticos e conscientes sobretudo daquilo que nos une e/ou distancia à volta do antigo debate sobre as literaturas nacionais.

O tema da morte e do insólito é transversal na obra de Timóteo. Mas eu convoco particularmente a título de exemplo *O Cemitério de Pássaros* (2012) que explora aspectos que a literatura – a crítica e as teorias – poderão designar como maravilhoso ou fantástico, mas que inscrevem imaginários e cosmovisões que definem o espaço Moçambique e, se quisermos África. Aqui, as leituras despoletam processos em que os sujeitos com diferentes modos de ver o mundo dialogam em debates abertos sem a coação das visões do pensamento cartesiano tendentes a questionar e mesmo desmoronar alteridades, isto é, a visão do outro e a sua aceitação. É o que defende o Professor Castiano, filósofo moçambicano, quando fala da intersubjectivação – um processo em que, os sujeitos do conhecimento entram em diálogo, em debate, em concordância e/ou em discordância. A literatura abre estes caminhos; a literatura estabelece pontes e promove inclusão.

Encontramos no leque temático de Adelino Timóteo uma ligação estreita com a memória histórica e social se olharmos para os títulos *Os Últimos dias de Uria Simango*

* Texto lido no Simpósio *Cores e Letras de Adelino Timóteo*, a 28 de Julho de 2025, em Maputo.

(2017), *Afonso Dhlakama – a longa luta em defesa da democracia* (2019), *Jorge Jardim – o ano do adeus ao ultramar* (2024) e também *A biblioteca debaixo da cidade* (2022). É a veia de jornalista investigativo que teima em assomar.

O jornalismo e o insólito encontram-se na medida em que a realidade abordada transcende o ordinário, apresentando eventos, situações ou fenómenos que desafiam a nossa percepção do mundo, da sociedade e do *status quo*. O jornalista, ao investigar e divulgar esses eventos, expõe o lado singular e surpreendente da experiência humana.

Ainda, na escrita de Adelino Timóteo, há marcas vivas de um pincel que transporta o leitor para os universos materiais e psicológicos. Por exemplo, em *Os Oito Maridos da Dona Luísa Michaela da Cruz*, a descrição inspira uma visão pictórica. Parece um quadro pintado.

Era uma manhã solarenga. Soprava um vento suave. A Mulher usava cabelos delicados como fios, argolas de ouro nos pulsos e tornozelos. O nome dela: Dona Luísa Michaela Rita da Cruz. Portadora de uma beleza incrível, monumental, sem par, entre as donas que governaram as emersas terras prazeiras.

É a voz do artista plástico que trabalha e oferece ao leitor paisagens, figuras humanas com a leveza de um pincel. Não admira, pois, que, como pintor, conte com exposições individuais e colectivas em diferentes países. É uma simbiose que não pode escapar a um leitor atento. Na verdade, confesso que, em algum momento, fiquei tentada a concentrar-me na pintura para poder falar da linguagem das cores e de formas, muito condescendente com as figuras expressões femininas.

Estamos numa linha que liga literatura e sociedade; literatura e outros saberes, numa linha multi, trans e sobretudo interdisciplinar. É a riqueza da literatura, no caso particular da obra de Adelino Timóteo. Ela tem o condão de nos trazer vidas, vivências e memórias vivas interiorizadas, partilhadas todos os dias, esquecidas ou simplesmente marginalizadas.

2 A Literatura é tudo isto: linguagens cruzadas e alimentadas. Pintura, criação e recriação, produção e reprodução. É sobretudo uma instituição que comporta os seus princípios e instaura uma cadeia de valor própria.

Enquanto instituição social, a literatura desempenha um papel preponderante na formação cultural e na reflexão crítica da sociedade. Ela não é apenas um conjunto de obras, mas um sistema complexo que envolve produção, circulação, consumo e interpretação de textos, influenciando valores, identidades e a forma como percebemos o mundo.

A literatura como instituição instaura um conjunto complexo de práticas, discursos e formações sociais que funcionam como um sistema de legitimação e consagração: estabelece o cânone que é fundamentalmente estatuído pela recepção, consumo e circularidade das obras. Os prémios que Adelino Timóteo recebeu – e não foram poucos – fazem parte da linha da cadeia de valor da literatura como produto

criado/produzido, lido/recebido, e legitimado pela plêiade de leitores: o leitor comum, o leitor de “elite”, jornalistas culturais, académicos – professores, investigadores e os estudantes –, e aqueles que podem financiar cada uma das fases da cadeia de valor.

Nesta complexa trama, entram em linha de conta factores ideológicos que projectam leituras que influenciam a forma como entendemos e valorizamos a literatura. Muito recentemente o Professor Lourenço do Rosário, no contexto da celebração dos 500 anos do nascimento do poeta português, Luís de Camões, propôs uma revisitação e releituras de *Os Lusíadas* (1572), longe das pressões ideológicas das revoluções: a Revolução do Cravos de Portugal e de Moçambique, ambas em 1975.

Na perspectiva diacrónica, o tempo se encarrega de estabelecer o *corpus* que fica para a História. Porém, na perspectiva sincrónica é preciso que se garanta a produção a criação de obras literárias por autores, a publicação por editoras, a distribuição em livrarias e bibliotecas, e a divulgação nos meios de comunicação de massas, hoje entendidos de forma mais ampla – *blogs* e outras redes sociais. Aqui, os fenómenos no nosso contexto carecem de uma reflexão, por variadíssimas razões:

- (i) pela exiguidade de livrarias e bibliotecas
- (ii) dificuldade de encontrar, nas poucas livrarias e bibliotecas, a literatura produzida dentro e fora do país. Será pela exiguidade de espaços de venda/compra?
- (iii) Será pela incapacidade de compra do livro?
- (iii) Será pelo fraco interesse na alimentação de saberes diversos? Por quem? Porquê?

Esta homenagem a Adelino Timóteo consagra-o como escritor, isto é, faz parte do processo de reconhecimento e enaltecimento da sua obra. A Universidade Pedagógica empreendeu de forma distinta ao inscrever-se de forma paradigmática na cadeia de valor da literatura, no geral, e deste escritor, em particular.

Eu penso que pode fazer mais: introduzir e formalizar plataformas de leitura e estudo da literatura e da obra de AT, em particular, que é profícua, muito embora de circulação e divulgação limitadas. Seria mecanismo ou um estágio dentro daquilo que designamos cadeia de valor da literatura como instituição, promover a literatura como veículo de saber.

Uma sala Adelino Timóteo seria a minha singela sugestão. Seria um mecanismo vivo para empreender estudos – novos, antigos, marginalizados e esquecidos de forma a promover estudos sobre este autor, quer a nível de graduação e de pós-graduação.

Para terminar, gostaria de reconhecer José dos Remédios por se destacar no estudo da obra de Adelino Timóteo; Dionísio Bahule e Ester Muianga por exemplarmente engordarem os estudos literários sobre a obra do nosso homenageado.[]



ANOS

**REVELANDO NOVAS VOZES NA
LITERATURA MOÇAMBICANA**



EDITORA

FUNDA